



REDUZINDO AS ILUSÕES A PÓ: O MUNDO MAU NAS CANÇÕES DE CARTOLA

CECCAGNO, Douglas¹
TODESCHINI, Renata²

RESUMO: Angenor de Oliveira explorou muitos gêneros musicais, porém ficou mais conhecido como compositor de samba-canção, um gênero em cujas letras o mundo mau se faz bastante presente como artifício para condenar as mulheres pelo abandono do eu-lírico. Este artigo analisa os sentidos do mundo mau em canções de cinco discos de Cartola, amparado em estudos acadêmicos sobre sua obra, como os de Tatiane de Andrade Braga e Nilcemar Nogueira, e em publicações sobre a canção popular no Brasil, como os trabalhos de Waldenyr Caldas e Luiz Tatit. Demonstramos como a imagem da crueldade do mundo, nas canções de Cartola, evoca não apenas a destruição dos anseios amorosos do eu-lírico masculino, mas também o lugar social da mulher no Brasil do século XX, além de representar negativamente a cidade moderna e expressar uma concepção religiosa.

PALAVRAS-CHAVE: Canção; Cartola; Mundo mau.

REDUCING ILLUSIONS TO DUST: THE EVIL WORLD IN CARTOLA'S SONGS

ABSTRACT : Angenor de Oliveira explored many musical genres, but he became better known as a composer of samba-canção, a genre in whose lyrics the evil world is quite present as an artifice to condemn women for abandoning the lyrical speaker. This essay analyzes the meanings of the evil world in songs of five albums by Cartola, supported by academic studies on his work, as those by Tatiane de Andrade Braga and Nilcemar Nogueira, and in publications about popular song in Brazil, as those by Waldenyr Caldas and Luiz Tatit. We demonstrate how the image of world's cruelty in Cartola's songs not only evokes the destruction of the male's amorous yearnings, but also presents the woman's social place in 20th century Brazil, in addition to negatively represent the modern city, and expressing a religious understanding.

¹ Doutor em Letras. Professor da área de Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: dceccag1@ucs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9709-7854>

² Graduada em Letras-Francês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora particular de língua francesa. E-mail: re_todeschini@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4537-2839>

KEYWORDS : Song; Cartola; Evil world.

Introdução

Cartola é reconhecidamente um dos maiores compositores da música popular brasileira. Isso pode ter se dado, em parte, à posição de centralidade exercida pelo Rio de Janeiro na vida cultural do país, à eleição do samba como ritmo nacional, além de outros fatores socioculturais que se poderiam enumerar. Porém, é inegável o talento de Angenor de Oliveira como cancionista, registrando algumas das composições mais memoráveis da música popular brasileira, como “O mundo é um moinho”, “As rosas não falam”, “Ensaboa”, “O sol nascerá (a sorrir)” e muitas outras, gravadas por intérpretes importantes, desde Francisco Alves e Carmem Miranda até Ney Matogrosso e Marisa Monte.

Neste estudo, fazemos o mapeamento de uma imagem recorrente na música brasileira da primeira metade do século XX, especialmente no universo do samba-canção: o mundo mau, que destrói os sonhos do indivíduo e o reduz à solidão, à miséria e à tristeza. Frequentemente aplicada à figura feminina, que despreza os sentimentos do eu-lírico masculino, o mundo mau incorpora uma vingança simbólica. O exemplo mais evidente talvez seja o bolero “Vingança”, de Lupicínio Rodrigues, cuja letra expressa a alegria do eu-lírico por ver sua ex-companheira bebendo e chorando em um bar, enquanto ele imagina seu remorso por tê-lo abandonado.

Nas composições de Cartola, porém, a imagem do mundo mau ganha sentidos diversos. Nosso intuito, portanto, é percorrer as letras das canções de Cartola em seus quatro LPs individuais e na coletânea *Tempos idos*, em busca das menções ao mundo mau, para interpretarmos a que essas imagens se referem, de modo a dar visibilidade aos múltiplos sentidos dessa imagem na obra do compositor. As fontes que dão suporte à análise são estudos acadêmicos sobre a obra de Cartola, além de publicações sobre a canção no Brasil.

Cartola

Enquanto não se reedita a biografia *Divino Cartola: uma vida em verde e rosa*, de Denilson Monteiro, publicada pela editora Casa da Palavra em 2012 e vendida hoje na Estante Virtual por preços a partir de 230 reais, as melhores informações sobre Angenor de Oliveira talvez estejam nos almanaques e enciclopédias sobre música brasileira, além do primoroso

documentário *Cartola: música para os olhos*, de Lírio Ferreira e Hilton Lacerda. Pela Enciclopédia Itaú Cultural (2020), que registra erroneamente seu nome como Agenor, sabemos que Cartola nasceu em 1908 e passou a infância em vários bairros do Rio de Janeiro, antes de, devido a problemas financeiros da família, ir viver no Morro da Mangueira, onde foi introduzido à vida boêmia por seu constante parceiro Carlos Cachaça. Abandonando a escola para trabalhar em empregos como aprendiz de tipógrafo e servente de pedreiro, logo perdendo a mãe e sendo expulso de casa pelo pai devido a seu comportamento boêmio, Cartola era presença confirmada nas rodas de samba, além de participar da fundação do Bloco dos Arengueiros e da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, da qual escolheu o nome e as cores verde e rosa, e ainda compôs o samba que embalou seu primeiro desfile: “Chega de demanda”.

A partir de 1929, seus sambas são gravados por Francisco Alves, Carmem Miranda, Sílvio Caldas e Aracy de Almeida. Nos anos 40, apresenta o programa de rádio *A Voz do Morro* e participa do Conjunto Carioca com Heitor dos Prazeres, quando, após uma discussão com o presidente da Mangueira, retira-se da carreira musical. Encontrado apenas em 1956, enquanto lavava carros, pelo jornalista Sérgio Porto, inaugura com a esposa Eusébia Silva do Nascimento, a Dona Zica, o restaurante e reduto musical *Zicartola* em 1963, e sua obra passa a ser revalorizada. Seu primeiro LP é lançado apenas em 1974, quando Cartola já tem 65 anos de idade. O *Zicartola*, por sua vez, reúne sambistas da velha guarda, mas também jornalistas, escritores, atores, e também os novos cantores da Bossa Nova: “as mentes mais geniais da música brasileira, uma confraternização produtiva entre morro e asfalto”. (PETILLO, 2013, p. 31) Assim, o *Zicartola* e, por extensão, a obra de Angenor de Oliveira, podem ser considerados lugares de interseção entre o passado e o então futuro do samba. O compositor faleceu em 1980.

Cartola e o samba

Cartola começou a escrever sambas desde cedo, e sua vinculação com o momento inicial da escola de samba da Mangueira é crucial para seu reconhecimento no círculo daquela que será chamada velha-guarda. No entanto, seu trabalho atingiu um público mais amplo com a gravação de suas canções por grandes intérpretes a partir dos anos 1930, e o registro de sua voz em *long plays* na década de 70 deixou seu nome marcado na história do samba. Por isso, é justo que o histórico de sua atuação musical seja dividido em três fases, como fez Nilcemar Nogueira em sua dissertação de mestrado *De dentro da cartola: a poética de Angenor de Oliveira* (2005).



Para a pesquisadora, a primeira fase vai de 1928 a 1949, quando Cartola é visto como compositor de escola de samba; a segunda fase, de 1950 a 1969, apresenta a sua volta ao meio artístico após o já referido afastamento e a criação do Zicartola; a terceira fase, entre 1970 e 1980, são os anos de consagração.

Entretanto, o olhar atual para essa obra passa, necessariamente, pelas gravações realizadas na última fase, pois a partir delas podemos ter acesso a composições de toda a trajetória de Cartola como compositor, além de perceber sua própria concepção de ritmos, harmonias e arranjos, aspectos muito possíveis de terem sido alterados já nas gravações dos anos 30, quando a voz empostada de um cantor como Francisco Alves ou o samba tipo exportação de Carmem Miranda poderiam conduzir o projeto musical de Cartola para outro caminho.

Diferentemente dessas tendências da primeira metade do século XX, o que sobressai na discografia do compositor é o gênero samba-canção. Segundo Waldenyr Caldas (1989, p. 45):

O samba-canção [...] possuía um discurso mais ou menos padronizado. Em sua grande maioria abordava as desventuras do amor, culminando com a autopunição e o desejo de morte. Nada era mais importante que a presença da mulher amada. O poeta, embora sofrendo, quase morrendo de amor, prefere entender tudo, atribuir seu infortúnio ao destino e resignar-se diante da situação.

Esse valor atribuído à relação amorosa é evidente em canções como a incontornável “As rosas não falam” ou a parceria com Aluizio Dias “Ordenes e farei”, presente no primeiro disco de Cartola (1974). Eis um trecho da letra da última:

Só por ti, sofrerei
Até condenado à morte serei, meu amor

Os teus olhos tão lindos
Da cor do luar
Os teus olhos que fazem meus olhos chorar
Escravizado para sempre serei
Estarei ao teu lado para o que precisares
Ordenes e farei

Não obstante, a alternância entre sambas-enredo, como “Ciência e arte”, músicas inspiradas pelo samba de roda, como a canção de trabalho “Ensaboa”, canções em que se exalta o Morro da Mangueira, a exemplo de “Alvorada”, e os sambas-canção, abre um leque bastante

vasto de ritmos e harmonias na obra de Cartola. Nilcemar Nogueira (2005, p. 96) entrevistou Elton Medeiros, parceiro de Cartola em várias composições:

Segundo seu parceiro Elton Medeiros, Cartola sempre foi um compositor "muito atento à evolução da música popular brasileira", de modo a se colocar sempre em posição de liderança. Sua liderança revelava-se na capacidade criativa, no que dele se ouvia como diferencial; logo, como balizador, como modelo a ser seguido.

Para usar as categorias de Luiz Tatit (1994/1995), a canção de Cartola abre espaço tanto para as expressões eufóricas quanto para as disfóricas. Nosso objetivo aqui, porém, mais atento às letras, é analisar a representação do mundo mau nas canções do compositor.

Alguns temas

O tema do mundo mau está bastante presente na obra de Cartola, como veremos a seguir, embora divida espaço com outros temas igualmente relevantes e bastante frequentes. O sofrimento amoroso é uma constante, como reza a cartilha do samba-canção; porém nem sempre esse sofrimento é consequência de uma paixão extrema ou do abandono. Uma das canções mais célebres de Cartola, “Acontece”, do primeiro LP, inverte os polos da relação amorosa, com um eu-lírico que tenta consolar alguém que ele já não ama: “Esquece nosso amor, vê se esquece / Porque tudo no mundo acontece / E acontece que já não sei mais amar”. Do mesmo modo, em “Disfarça e chora”, parceria com Dalmo Castello registrada no mesmo disco, o eu-lírico aconselha a “triste senhora” a derramar o seu pranto por quem “deixou o ensaio por outra”, pois chorar é melhor do que olhar e gostar de longe. Há ainda um momento em que Cartola, celebrando o casamento, parece lamentar o fim de sua vida solteira em “Nós dois”, de *Verde que te quero rosa* (1977):

Está chegando o momento
De irmos pro altar
Nós dois
Mas antes da cerimônia
Devemos pensar: e depois?

Terminam nossas aventuras
Chega de tanta procura
Nenhum de nós deve ter
Mais alguma ilusão



Muitas das letras de Cartola, no entanto, não tematizam uma relação amorosa malfadada. A perda da juventude e a aceitação da velhice, por exemplo, são temas recorrentes. Em “O inverno do meu tempo”, parceria com Roberto Nascimento gravada em *Cartola 70 anos* (1979), ouve-se: “Já não sinto saudades / Saudades de nada que vi / No inverno do tempo da vida / Oh, Deus, eu me sinto feliz”. E já no primeiro disco, a célebre “O sol nascerá (a sorrir)”, escrita com Elton Medeiros, contrasta a tristeza pela juventude que findou e o ânimo diante dos novos dias e de um novo amor:

A sorrir
Eu pretendo levar a vida
Pois chorando
Eu vi a mocidade perdida

Finda a tempestade
O sol nascerá
Finda esta saudade
Hei de ter outro alguém para amar

Há várias obras esperançosas no cancionário de Cartola. Em “A cor da esperança”, outra parceria com Roberto Nascimento em *Cartola 70 anos*, o otimismo é tamanho que inclui a expectativa de ver pessoas saírem na rua em busca da felicidade e o aparecimento de novos amores:

Sinto vibrando no ar
E sei que não é vã
A cor da esperança
A esperança no amanhã

Amanhã
A tristeza vai transformar-se em alegria
E o sol vai brilhar no céu de um novo dia
Vamos sair pelas ruas, pelas ruas da cidade
Peito aberto, cara ao sol da felicidade

E no canto de amor assim
Sempre vão surgir em mim
Novas fantasias

Outro tema frequente está relacionado à crença religiosa, como se vê em “Enquanto Deus consentir”, de *Cartola 70 anos*, ou em “Grande Deus”, de *Verde que te quero rosa*. De



certo modo, porém, a letra da última já nos faz entrever o grande apanhado de canções em que o mundo é considerado culpado pelas situações que afligem o eu-lírico ou seus interlocutores:

Eu errei, grande Deus, mas quem é que não erra
Quando vê seu castelo cair sobre a terra?
Julguei, senhor, daquele sonho, eu jamais despertaria
Se errei, perdoai-me, pelo amor de Maria

Se atentarmos para os primeiros versos da canção, em que o eu-lírico expressa sua crença em um destino pessoal traçado por Deus (“Deus, grande Deus / Meu destino, bem sei, foi traçado pelos dedos teus”), então Deus é, ao mesmo tempo, o causador das desgraças e o redentor dos pecados. Porém, essa relação não é explícita na letra, e a culpa por suas desventuras acaba, no conjunto da obra de Cartola, recaindo no mundo, o moinho que reduz as ilusões a pó.

O mundo mau

“O mundo é um moinho”, do segundo disco de Cartola (1976), talvez seja o exemplo mais evidente da imagem do mundo mau. A alegoria do mundo como um moinho que tritura os sonhos e os planos é uma das mais memoráveis construções poéticas do compositor:

Ouça-me bem, amor,
Preste atenção, o mundo é um moinho
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos
Vai reduzir as ilusões a pó

Preste atenção, querida,
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés.

Nos versos citados, está clara a referência à fatalidade que se abate sobre aquela que está resolvida a ir em busca do próprio destino, longe da proteção do eu-lírico. Elemento importante aqui, porém, é a atribuição de culpa: a moça inocente, que mal começou a conhecer a vida, será, como uma heroína trágica, responsável por sua desmedida, ao provocar o mundo contra si, o que é expresso pelo último verso. Assim, “às palavras carinhosas do sujeito se opõem outras ligadas à escolha errada que a interlocutora está em vias de fazer. O sujeito é amoroso; o mundo, mesquinho.” (BRAGA, 2014, p. 93) O moinho, por sua vez, retoma a



icônica imagem da Roda da Fortuna, responsável pelas mudanças radicais no destino dos seres humanos.

Já em outros momentos da obra de Cartola, o mundo mau é subentendido, como em “Aconteceu”, canção também presente no álbum de 1976. Perceba-se como também aqui a mulher acaba sendo culpada por provocar a ira do mundo:

Aconteceu
Eu não esperava, mas aconteceu
Todo o bem que fiz, se fiz, ela esqueceu
Revelando a sua impudência
Construí um lar, o lar que ela pedia
Exigiu-me coisas que ela não queria
É, e aconteceu
Hoje ela chora tudo o que perdeu
E chorando veio me pedir perdão
Fica para ela a lição

Vê-se novamente a mulher que abandona a companhia do eu-lírico, mas, por vicissitudes não reveladas, acaba chorando e pedindo perdão. Vale dizer que essa culpa colocada nas mulheres por uma pretensa falta de razão ao buscar a felicidade longe do amante não é traço apenas da canção de Cartola, constituindo, primeiramente, parte do imaginário brasileiro da primeira metade do século XX e, secundariamente, do próprio samba-canção, como nos lembram algumas canções como a já mencionada “Vingança”, de Lupicínio Rodrigues, ou “Maria Rosa”, do mesmo compositor, e o sucesso de Cauby Peixoto “Conceição”, de autoria de Jair Amorim e Dunga. Um caso excepcional é o da cantora e compositora Dolores Duran, que, em “Por causa de você”, parceria com o jovem Antônio Carlos Jobim, responsabilizaria o mundo mau por afastar o homem da casa familiar, de certa forma desculpando-o pelo abandono, mas ainda fazendo com que a desdita recaia sobre a mulher. Diz a letra:

Entre, meu bem, por favor
Não deixe o mundo mau
Lhe levar outra vez
Me abrace simplesmente
Não fale, não lembre
Não chore, meu bem

Nesse cenário de culpabilização da mulher, é interessante que Cartola tenha utilizado a imagem do mundo mau também para se referir aos problemas amorosos masculinos. É o que



ocorre na canção “Sim”, parceria com Oswaldo Martins registrada no álbum de 1974. Vale examinar a íntegra da letra para percebermos o raciocínio do eu-lírico de Cartola:

Sim, deve haver o perdão para mim
Se não, nem sei qual será o meu fim
Para ter uma companheira
Até promessas fiz
Consegui um grande amor
Mas eu não fui feliz
E com raiva para os céus
Os braços levantei
Blasfemei
Hoje, todos são contra mim

Todos erram neste mundo
Não há exceção
Quando voltam à realidade
Conseguem perdão
Por que é que eu, Senhor,
Que pela vez primeira
Passo tantos dissabores
E luto contra a humanidade inteira?

Sim, deve haver perdão

Nessa canção, a infelicidade no amor faz com que o eu-lírico blasfeme, atentando contra as próprias crenças religiosas, mas sente-se injustiçado porque todos conseguem perdão, menos ele, que sofre inúmeros dissabores e se opõe ao resto da humanidade. Novamente, como em “Grande Deus”, vemos aqui a figura divina como causadora das desgraças e também redentora dos pecados humanos. O mundo mau seria, portanto, o modo como Deus pune o eu-lírico pelos seus erros.

Em outros momentos da obra de Cartola, é possível ver no mundo mau uma imagem da cidade como algo negativo, associada, como notou Raymond Williams (2000, p. 11), a “lugar de barulho, mundanidade e ambição”. Porém, enquanto o crítico inglês contrasta os valores da cidade aos do campo, Cartola opõe a cidade corrompida à felicidade que há no morro. Em “A mesma estória”, parceria com Elton Medeiros presente em *Cartola 70 anos* – onde a “estória” nunca é narrada, embora o eu-lírico afirme que já está cansado de contá-la –, só deixando a cidade ele pensa poder ser feliz:

Quem me vê passar calado e triste não resiste



Vem me perguntar o que causou esta transformação
Já estou cansado de contar aquela estória
É sempre a mesma estória que resume-se em desilusão

Preciso andar pra não pensar no que passou e não chorar
Viver em paz e sepultar de vez a minha grande dor
Confiante, despeço-me dos meus amigos e da cidade
Só voltarei quando encontrar felicidade

Já em “Feriado na roça”, do mesmo disco, a ex-companheira volta da cidade acompanhada de outro rapaz e acaba vítima do ciúme do eu-lírico, que atira nos dois.

Em outras canções, o mundo mau aparece metaforizado. Em “Autonomia”, de *Verde que te quero rosa*, o autor dá a entender que estará longe da amada contra a vontade, o que o leva à metáfora da escravidão para demonstrar como o mundo mau promoveu seu afastamento: “Escravizaram assim um pobre coração / É necessária nova abolição / Pra trazer de vez a minha liberdade”. Já em “Preconceito”, canção registrada originalmente no LP *História da música popular brasileira vol. 17: Cartola/Nelson Cavaquinho*, em 1970, e posteriormente recolhida no CD *Tempos idos* (2016), o preconceito do título recai sobre a consumação do amor antes do casamento: é o mundo mau agindo através da moral:

Crime, é mais que um crime
É desumanidade esta perseguição
É o cúmulo da maldade
Se todo mundo sabe que nós nos casaremos
Quer queiram, quer não

E, ainda no primeiro LP, a parceria com Carlos Cachça “Quem me vê sorrindo” revela um entendimento de que todos sofrem, e a solução é esconder o pranto:

Compreendi o erro de toda humanidade
Uns choram por prazer e outros com saudade
Jurei e a minha jura jamais eu quebrarei
Todo pranto esconderei

Eis o mundo mau agindo de diferentes formas na canção de Cartola. A despeito disso, como se viu, há em suas canções também a esperança de novas alegrias, de um novo amor e de ser feliz no inverno de seu tempo.

Conclusão



Muitas canções de Cartola apresentam o morro como um lugar positivo, espaço da felicidade. Uma composição emblemática, nessa perspectiva, é “Alvorada”, parceria com Carlos Cachaca e Hermínio Bello de Carvalho gravada no primeiro disco:

Alvorada
Lá no morro, que beleza
Ninguém chora, não há tristeza
Ninguém sente dissabor
O sol colorindo é tão lindo
É tão lindo
E a natureza sorrindo, tingindo, tingindo

O morro, por conseguinte, é um lugar paradisíaco, onde se reconhecem características dos espaços utópicos, como o sol e a natureza onipresentes e a ausência de sofrimento:

Com os versos da composição Alvorada, Cartola romantiza a visão do amanhecer no morro. Nos versos dessa canção, o compositor expressa sua admiração pelo Morro da Mangueira e mostra-se apaixonado pelo seu lugar, afirmando que lá a Alvorada é bela e que nesse lugar, não há tristeza. Ele descreve, metaforicamente, os primeiros raios de sol que surgem e iluminam o lugar, como se atenuassem a pobreza e fizessem com que, em interação com o local, todos se sentissem felizes. O eu lírico, com essa descrição, mais uma vez, ratifica a concepção de que coexistem as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam a subjetividade na forma de perceber o espaço geográfico. (SANTOS; LEMOS, 2021, p. 107)

Desse modo, há uma relação de apreço pelo lugar onde o compositor vive, o que o faz fantasiar com essa ausência de sofrimento. De qualquer modo, é possível perceber que o mundo mau não impede a esperança no amanhã, como figurada em “A cor da esperança”.

Ainda assim, o mundo mau representado por Cartola em suas canções é uma imagem poderosa para simbolizar os limites da liberdade da mulher na sociedade brasileira do início do século XX, para ilustrar preocupações amorosas do próprio eu-lírico, para expressar uma visão sobre a urbanidade e mesmo para representar um entendimento de ordem religiosa. Conseqüentemente, o mundo mau, em Cartola, é uma imagem que, sem dúvida, enriquece o universo simbólico do samba-canção e da canção popular.



REFERÊNCIAS

- BRAGA, Tatiane A. *O que fica quando o poeta se vai?* Sujeito e sociedade nos sambas de Cartola e Nelson Cavaquinho. 2014. 113 f. Mestrado em Literatura Brasileira – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <https://bit.ly/3oNtbYL>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- CALDAS, Waldenyr. *Iniciação à música popular brasileira*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- CARTOLA. Rio de Janeiro: Discos Marcus Pereira, 1974. LP (28 min). Reedição em CD: EMI/Universal, 2016.
- CARTOLA. Rio de Janeiro: Discos Marcus Pereira, 1976. LP (35 min). Reedição em CD: EMI/Universal, 2016.
- CARTOLA 70 ANOS. Intérprete: Cartola. Rio de Janeiro: RCA, 1979. LP (32 min). Reedição em CD: RCA/BMG, 2001.
- CARTOLA. Enciclopédia Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa11957/cartola>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- DOLORES DURAN CANTA PARA VOCÊ DANÇAR. Intérprete: Dolores Duran. Rio de Janeiro: Copacabana, 1957. LP (36 min). Disponível em: <https://bit.ly/30rT9st>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- NOGUEIRA, Nilcemar. *De dentro da cartola: a poética de Angenor de Oliveira*. 2005. 126 f. Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, [s.l.]. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/093e3f37-87e8-4859-8cd0-4bf0164ddf55>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- PETILLO, Alexandre et al. *Curtindo música brasileira: um guia para entender e ouvir o melhor da nossa arte*. Caxias do Sul, RS: Belas Letras, 2013.
- SANTOS, Gláucia R. S.; LEMOS, Anna P. S. Morro da Mangueira: o lugar de Cartola. In: *Magistro*, Duque de Caxias, RJ, v. 1, n. 23, p. 102-114, 2021. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/7001>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- TATIT, Luiz. A construção do sentido na canção popular. In: *Língua e literatura*, n. 21, p. 131-143, 1994/1995.
- TEMPOS IDOS. Intérpretes: Cartola e outros. São Paulo: EMI/Universal, 2016. CD (36 min).



VERDE QUE TE QUERO ROSA. Intérprete: Cartola. Rio de Janeiro: RCA, 1977. LP (35 min).
Reedição em CD: RCA/BMG, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.